

... *Le flot ful attendif.*

— Ora Quinault disse:

Le flot ful attendif.

— A cópia é fiel... tem o merito da lealdade!... E este: *Ó temps, suspends ton vol!* é a cópia litteral de Thomas... Ainda mais... a *IV Meditação*...

— Está o almoço na mesa—interrompeu o creado.

O creado salvou-vos da importuna erudição do de-tractor de Lamartine, ditosos leitores! Deus nos livre de zoilos em jejum!

XIII

Findo o almoço, em que a reputação de Lamartine teve a sorte do fiambre, annunciaram ao ardente sectario de Racine o padre capellão da duqueza de Cliton.

— Fazei o entrar na sala dos retratos.

— E' admiravel!—reflectiu o visconde—No anno passado não mereci á snr.^a duqueza esta civilidade. Tive a delicadeza de ir saber pessoalmente d'ella, e nem se dignou mandar-me entrar!... Emfim, celebridades da snr.^a duqueza...V amos lá. Entretanto mandae preparar os cavallos, que vou mostrar-vos Angouleme.

O capellão vinha, da parte da duqueza, cumprimentar o visconde, e rogar-lhe a especial graça de entrar em sua casa, se eventualmente passeiasse por aquelles sitios. O cortezão retribuiu affavelmente os cumprimentos, e fez saber á snr.^a duqueza que, duas horas depois, iria receber as suas ordens, como o ultimo dos seus ser-

vos, e o primeiro dos velhos amigos de sua casa. Era o antigo estylo.

Transtornára-se, portanto, o plano do passeio á capital da provincia, a que D. Pedro condescendia por urbanidade. Saciado de bulício estava elle. O que lhe aprazia mais era a solidão, povoada pela phantasia, que tão fecunda lhe poetisava os silenciosos moradores seculares d'aquelle castello.

Deixal-o, pois, immovel no terraço, amurado de ameias e setteiras, pelas quaes a imaginação lhe afigurava ouvir o silvo das frechas, que escreveram com sangue a historia de Frédegonda, que o visconde affirmou ter estanciado alli, quando perseguia o rei de Australia no seculo setimo!

O visconde, representante, por isso, de uma familia de doze seculos para cima, saiu para Cliton. Entrou na grande sala, e esperou a duqueza alguns minutos. Esperava encontral-a velha, doente, extenuada, e até enfadonha! e viu-a ainda bella, pallida, mas não d'aquelle desgracioso colorido de um convalescente; alquebrada sim, mas docemente, graciosamente alquebrada. O que tinha em Cliton, e que em Paris o visconde lhe não vira, era o luto, rigoroso não, porque o preto era do melhor setim, das melhores rendas, e dos enfeites menos vulgares.

— Snr. visconde, a vossa promptidão é um castigo bem merecido, que infligis á minha desatenção do anno passado...

— Oh!... snr.^a duqueza... não podereis nunca ser desattenciosa...

— Se se é desgraçada, perdem-se até as reminiscencias do bom tom, e... deixae-me dizer assim, brutifica-se a consciencia do dever. Quando me fizestes a honra

de procurar-me, senhor, eu estava a braços com a crise mais tormentosa da minha vida... O mundo ignorava os surdos martyrios com que de lá vim flagellar-me n'esta casa desamparada de tudo que faz a felicidade, sósi-nha, e parece que edificada aqui de propósito para se penitenciarem as victimas de uma pessima organização.. Adiante, snr. visconde... Desculpae a confiança com que vos fallo; mas eu sei que sois meu amigo, que o fostes de meu pae...

— Que vos tive n'estes braços, criancinha de tres annos...

— Que me vistes crescer, brilhar, e emmurchecer como uma flor desfolhada por mão amaldiçoada...

— Snr.^a duqueza! chora, se as lagrimas vos são um desafogo... não vos envergonheis... guardae para vós a causa d'ellas; mas deixae-as correr livremente...

— Agradecida, snr. visconde... Sinto-me melhor... Cuidei que era mais forte...

— E sois, duqueza! A verdadeira coragem é esta vida que viveis.

— Coragem!... não, não é! Coragem é afrontar a opinião publica; avalial-a no seu justo preço; atirar-lhe á cara com os escandalos e com o ouro; passar com a cabeça alta por diante dos *tartufos*... matilha de cães que nos rasgam as franjas dos vestidos, mas só isso!...

— Essa é a coragem do cynismo, e a duqueza de Clifton tem sentimentos elevados, e sabe que n'este momento é ouvida (*apontando para as paredes*) pelos retratos das gerações de doze seculos. A verdadeira fidalguia, a herança dos *Montforts*, é soffrer surdamente, curvar a cabeça na solidão, mas levantar-a soberba na presença da sociedade.

— Da sociedade!... e que sociedade, snr. visconde!...

— Não vos fallo da sociedade de Paris de hoje: isso é um mixto de elementos repugnantes, de ouro e de fêzes... é uma canalha, perdoae-me a expressão. A sociedade é outra cousa; é aquella sociedade em que abristes os olhos nos salões de Luiz XVIII, e que dominastes nos de Carlos X, e em que brilhareis ainda nos de Henrique V...

— O quê, senhor?... Em que brilharei?... Ah! não vêdes o meu coração... O mundo esqueceu-me, e eu esqueci-o. Saldamos as nossas contas... vou pagando um eterno debito de lagrimas...

— Mas o velho visconde não quer que a sua amiga, que lhe dava beijos, e lhe arpellava a cabelleira, faça tal... Ha de tornar a Paris...

— Isso nunca, senhor.

— Sois terminante, snr.^a duqueza! Pois não tendes ainda idade para dominardes absolutamente nas vossas acções... Que julgaes vós que é Paris em 1837? Pensaes que existe alli um codigo de moral que julgue o vosso passado, qualquer que elle tenha sido? Olhae que não. Esse tempo era aquelle em que a virtude se envergonhava de dar a mão ao crime; e, se a consciencia não bastava para punir os viciosos, lá estavam os juizes, que castigavam com um justo desprezo.

— Perdoae, snr. visconde; mas eu tomo a liberdade de lembrar-vos que sois um juiz apaixonado dos crimes e das virtudes da sociedade, da qual como que sois um ornamento pela nobreza do sangue e das acções. Eu penso que a immoralidade de 1737 é a immoralidade de 1837, e de todos os tempos, e de todas as sociedades.

— Isso é uma heresia, snr.^a duqueza!

— Pois então... lamentae-me, porque morrerei hereje.

— Ha uma differença espantosa...

— Diferença... tambem eu digo que a ha... e a meu ver é esta: d'antes a immoralidade era a retalho; hoje é por atacado... Sorris? Pois eu acho que o riso franco e expansivo é mais nobre! Prefiro a lhanza dos vicios á luz da civilisação, que os absolve, ao impudor que lavrava nas entranhas da sociedade antiga, e estudava todos os recursos da hypocrisia para se illudir a si próprio, mentindo a Deus, que juravam em vão, e mentindo ás classes inferiores, ás quaes se impunham como exemplo.

— E' maravilhosa a vossa linguagem!...

— Excedi-me, não é assim? Pois desculpae-me, snr. visconde... Não é espirito de contradicção. E' esta franqueza, talvez impolitica, que se adquire nos longos monologos de uma mulher solitaria, que lê constantemente o livro da consciencia, e estuda sem cessar os quadros do mundo, que abandonou, sempre vivos na memoria... Mudemos o assumpto... Tencionaes permanecer muito tempo no vosso castello?

— O tempo do costume, snr.^a duqueza; cinco mezes...

— Habitudo á sociedade, deve ser-vos penosa a solidão... Os vossos amigos d'aquí de certo vos não alimentam o espirito...

— D'esta vez, terei companhia.

— Vosso genro e filha, naturalmente...

— Não, duqueza: é um joveu que me foi recommendado de Londres e de Lisboa, um verdadeiro neophyto do mundo elegante, por quem me interesso, e que não quiz deixar em Paris, abandonado ás suas visões romancescas...

— E' inglez?

— Não, minha senhora... é portuguez.

— Portuguez? são tão raros...

— Os elegantes portuguezes?

A duqueza córou, e não respondeu. A pergunta do visconde, se não era cruelmente sarcastica, parecia-o.

— De mais a mais, o meu Telemaco gosta immenso d'estes sitios. Encontrei-o hoje de manhã poetisando as florestas que rodeiam o vosso palacio, e mal elle sabia que bella castellã podia realizar todas as suas phantasias de provençal!...

— E' uma honra ser incentivo das vossas espirituosas ironias, snr. visconde! Se vos apraz, imaginae-me a suspirosa beldade de algum trovador de bandolins, que se fina de saudades a gemer trovas na margem crystalina do regato...

— Comvosco, snr.^a duqueza, só póde dar-se uma ironia... é diminuindo o quilate das vossas bellezas, é...

— Isso é excellente... Ahí está o que a sociedade nova não tem... O privilegio da galanteria acabará comvosco. O vosso hospede é da vossa escola?

— O meu hospede... ainda não tem nenhuma. E' um joven de dezenove annos, amando flores e brizas azues, apaixonado por Lamartine, perguntando ás fontinhas a causa de seus murmurios, e á rôla as penas do seu canto gemebundo. E' um silpho humano, que vive da viração da tarde, e da lua, que prateia os mares, e do hymno da philomela, que agradece ao Senhor as fragancias matutinas. Ora aqui tendes o meu hospede... é uma criança...

— Bem feliz! O peor é que perto vem o sôpro, que lhe desfolha as boninas illusões...

— Não ha de ser aqui n'este eden, em que por força se é poeta, em que o fui nos meus bons tempos, e onde ainda hoje me parece que vejo os zephyros e as graças, que doudejavam em redor da minha lyra...

— Olhae que fizestes uma bonita estrophe em prosa, snr. visconde de Armagnac!

— Fiz, duqueza? Ainda bem que vos faço sorrir com as minhas prosas!... Daes-me licença de vos apresentar o meu hospede?

— Sim, com toda a vontade... elle chama-se?...

— D. Pedro da Silva.

— Pelo dom...

— Vê-se que é fidalgo velho. Se fosse hespanhol poderia ser qualquer belfurinho, ou mercador de lãs.

— Conheci algumas familias portuguezas da principal nobreza, nas minhas viagens. De quem é filho?

— Da defunta condessa de Santa Barbara. Mas espero merecer-vos a graça de não lhe fallardes em sua mãe, porque ha motivos para que elle queira ignorado o seu nascimento... Ouvistes fallar d'esta condessa, duqueza?

— Não, senhor... Teria morrido quando eu estive em...

A duqueza calou a ultima palavra, estremecendo, e chorando. O visconde não reparou, porque limpava a luneta embaciada.

— Sim... eu creio que morreu ha quatro annos, pouco mais ou menos... Ordenaes-me alguma cousa, snr.^a duqueza?

— Peço-vos que me deis, quando vos não for penoso, a honra da vossa convivencia.

— Se vos não importuna a minha visita, amanhã, no fim da tarde, com o meu hospede...

— Sempre que vos aprouver...

O visconde encontrou D. Pedro a meio caminho, montado em um fogoso cavallo, que parecia reprovar com brávos corcovos o máu piso dos bêcos e encruzilhadas.

— Olá!—disse o visconde—temos rapaziada? Que-reis morrer prosaicamente arrebitado debaixo do vosso andaluz?

— Está folgado! Cuida que brinca nos *boulevards*!... Deixal-o saltar. E' um generoso animal que fareja as ossadas dos seus antepassados, que aqui caíram na re-ctaguarda da vossa hospeda Frédegonda...

— Perguntae-lhe se respira as brizas do vosso poeta.

O visconde pagava ironia com ironia.

— O meu cavallo é classico, meu caro visconde... Pertence á escola dos fautores de Apollu...

— Será o Pégaso? Então vae enganado com o cavalleiro... que lhe não dá muita honra...

N'este trocadilho de picadelas, sem intenção offensiva, aproximaram-se como dois condiscipulos. O visconde era bizarramente rapaz, e o seu fraco, além de Luiz Racine, era ser tratado por *tu* pelos rapazes.

— Então... queres saber?—disse o visconde.

— Da saude da snr.^a duqueza? Estimo que seja excellente...

— Adivinha lá o que se passou!...

— Faço idéa... passou-se muito bem... O snr. visconde sabe tirar proveito, como ninguem, dos lindos nadas. Inda vos não perguntei a idade da duqueza, minha senhora, como se diz nos castellos, penso eu...

— Trinta e tantos annos, com toda a belleza dos dezoito.

— Sim? abençoados, portanto, são os soffrimentos de uma dama que se conserva, aos trinta e tantos, bella como aos dezoito!...

— Os vossos romances inglezes não fallaram d'estas mulheres? Pois ha d'isso muito em França, onde o es-

pirito, por isso que é mais sublime que a materia, soffre, sem tocar nas bellezas do corpo.

— Não entendo bem a vossa physiologia, snr. visconde. Eu pensava que a mortificação em cada minuto fazia passar um anno. Conheci minha mãe, com trinta annos de idade. Disseram-me que fora linda aos dezoito, e eu vi-a tristemente feia e envelhecida fibra a fibra. E' verdade que minha mãe não era franceza; mas permiti-me que eu duvide da distincção que fazeis entre as dores de cada paiz.

— São excepções, meu caro Pedro. Vossa mãe poderia ter enfermidades organicas.

— E a duqueza não tem nenhuma... Tanto melhor para ella... Temos naturalmente o meu visconde apaixonado!...

— Sois criança... Eu é que receio muito por vós...

— Por mim? Sois piedosamente compadecido das fraquezas do proximo! Em Paris apontaveis-me um abysmo em cada sala, um crocodilo em cada mulher, e um cavalheiro de industria em cada rapaz que me apertava a mão. Tendes sido o meu anjo custodio... E aqui?... também ha abysmos e crocodilos?

— Não, e eu vos digo por quê... Olhae que vou fallar-vos serio... Até aqui fallou o amigo; agora falla-vos o pae. A duqueza de Cliton é uma mulher perigosa. Eu lembro-me de seis duellos por causa d'ella...

— Espero que não me baterei, meu caro visconde...

— Nada de galhofa... Eu bem sei que vos não baterei, porque essa duqueza de Cliton, cujos sorrisos custavam uma bala ou uma estocada, já não existe. N'esse tempo a duqueza namorava para esmagar o amor proprio de alguns homens e de algumas mulheres. O desfecho dos seus namoros foi sempre tragico;

mas escandaloso nunca. Ninguem ousava dizer: «a duqueza é amante d'este, ou d'aquelle.» O que se seguiu d'ahi foi odiarem-a, e applaudirem o primeiro infortunio que a fez cair da altura do seu orgulho.

— Pois, por fim, caíu?!

— Desgraçadamente... e n'essa quêda arrastou a vida de seu irmão, que era um bravo moço, brioso como seus avós, e chorado pela velha fidalga.

— Foi morto em algum duello?

— Sim; mas em duello infame...

— Por quem?

— Por um vosso patricio, dizem uns; por um demonio incomprehensivel, sem nação, sem nome, sem familia, dizem outros...

— Um meu patricio!... como se chamava?

— Em Paris era Leopoldo Saavedra; na Belgica, Tobias Navarro; em Londres... não sei o que era, nem sei o fim que levou. Dizem que a duqueza o perseguira quatro annos, sem encontral-o. Eu soube pelo consulado que ella esteve algum tempo em Lisboa; que suspeitou a existencia do impudente cavalheiro alli; mas enganou-se, e parou finalmente em Cliton, cansada de uma peregrinação pouco honesta. Já vêdes que uma tal mulher não é mulher que se ame, porque se aquelle coração tem amor, não ha verdade sobre a terra. Deve estar morto, ou cheio de fel. Previno-vos, mancebo. Não tencionei dizer-vos isto; mas, logo que recebi licença de apresentar-vos, mudei de proposito. Sois como a flor temporã que o sôpro de abril desfolhou. Vêde que tenho meus assomos de poesia! Não tivestes ainda um d'esses aballos que decidem do coração humano. Quem sabe o que vos reserva a fatalidade n'esta mulher! Prudencia, pois. Encarae-a com mais philosophia que sensibilidade. Se a